



## **A travessa-cavalinho**

Margarida olhou a antiga travessa, pendurada há anos, depois de ter sido substituída por loiça mais moderna, destacando-se na parede das recordações – se é que se pode chamar assim a um conjunto de objetos que trazem memórias e, neste caso, quase sempre felizes.

A travessa, de cor parda pelo uso e pelo tempo, mantinha, no fundo, uma paisagem arborizada, em tons de verde, e, no centro, um cavalo veloz, guiado por um jovem e ágil cavaleiro.

Ao longo dos muitos anos em que Margarida viu a travessa-cavalinho no ativo, nunca reparou, com tanta nitidez, nos pormenores do desenho. No passado, via-o quase sempre coberto de batatas, hortaliças e bacalhau fumegantes, saídos da grande e pesada panela envolta em quentes vapores. Ou de aletria com carreirinhos de canela perfumada. Ou de louras rabanadas, polvilhadas de açúcar que a recente fritura aquecia.

Passado, então, muito tempo e aproximando-se o Natal, Margarida estendeu os braços e retirou a travessa da parede, tomando-a nas mãos. A sala abriu-se a cheiros, gestos, silêncios do passado. E a vozes diretivas e urgentes também: Margarida, descasca as batatas; Margarida, cuidado com a travessa; Margarida, vai ao quintal apanhar couves; Margarida, vai a casa da senhora Clara buscar os ovos (Clara era uma velha senhora – ou sê-lo-ia apenas aos olhos de Margarida – que, debruçada da janela da grande casa de lavoura, fazia descer, devagarinho, ao seu chamamento, uma cestinha com os ovos. Voltava a elevá-la com as moedas que as mãozinhas ainda pequenas lá depositavam. A menina ficava a olhar a cestinha, acionada pelas mãos altas da senhora Clara, seguindo sempre o sereno prumo do fio).

Agora, aproximando-se de novo dessa peça de loiça antiga, Margarida abeirava-se dos rostos das pessoas presentes ou ausentes e que daquela travessa tinham retirado prazeres deleitosos ao longo de muitos anos. Algumas tinham já partido, mas a travessa continuava a ser delas um espelho. Olhando a travessa-cavalinho, tantas lembranças eram convocadas! Tantas imposições reiteradas pela organização da casa e do trabalho: Margarida, faz isto; Margarida, faz aquilo; Margarida, vai ali; Margarida, vem cá...

A azáfama dos espaços e dos tempos foi-se impondo, os Natais sucederam-se num ápice e não lhe sobrava concentração para concretizar um gosto que sempre a animara: escrever histórias. E, no entanto, havia algumas ajudas temáticas, porque, à volta do Natal, ocorriam peripécias passíveis de serem encaixadas em contos, expandidos pela imaginação.

Margarida revia alguns desses momentos.

Uma vez, num longínquo Natal, chegando o momento de o avô receber os presentes, dos embrulhos só surgiam meias. Apenas as cores variavam: umas mais escuras, outras mais claras. O avô, de sorridentes olhos claros e pequeninos, ia juntando, num montinho, os pares de meias e disse não sem malícia: “Tenho meias para o resto da vida. Para o ano, se quiserem, podem dar-me outra coisa.”

Numa outra noite de Natal, a travessa-cavalinho ficara em cima da mesa. A mãe de Margarida, seguindo uma tradição de família, deixava sempre a toalha por sacudir na mesa, e sobre ela algumas das iguarias que restavam da ceia. Ora, Margarida, aproveitando o adormecimento da casa, foi à cozinha para ver se o Menino Jesus já tinha trazido os presentes. A crença era tão grande na Sua vinda que Margarida pensava ter visto os caracóis do Menino, ainda mais menino do que ela, a descer pela chaminé, onde estavam dispostos, em fila, os sapatinhos.

Na véspera de um outro Natal, a travessa-cavalinho segurava, dessa vez, as rabanadas loiras e quentinhas. De repente, chegou Margarida com a irmã e, sem contar nem querer, mexeram na porta e esta moveu-se, deixando ver o que estava bem mal escondido: dois guarda-chuvinhas, guarnecidos de um folhinho cor-de-rosa, para serem postos no sapatinho, como oferta do Menino Jesus. Acabava-se, assim, a magia dos presentes, trazidos por um ser de um reino fantástico ou divino. Tudo se desmoronara num abrir e fechar de uma simples porta de cozinha.

Num outro dia de frio dezembro, muito próximo do Natal, Margarida foi ao mato buscar musgo para o presépio. Levou uma cestinha, trazendo-a recheada com o tapetinho verde, em camadinhas leves para não ficar pisado. Entrando em casa, logo se aproximou da mãe, falando do cheiro húmido dos recantos onde as árvores e arbustos nunca têm sede de água, porque as chuvas a acumulam e conservam sob as árvores de eterna sombra, onde o musgo reverdece. Nesse momento, estava a mãe a lavar as loiças para o Natal e nas mãos tinha a travessa-cavalinho que mais verde parecia.

Também tinha sido diante da travessa-cavalinho que Margarida ouvira os avós e agora os pais dizerem com voz enfraquecida: “Este vai ser o meu último Natal.”

E, infelizmente, houve cadeiras que foram ficando quietas e vazias; outras vezes, felizmente, a frase de quase despedida voltou a ser silabada ainda por alguns Natais.

Tantas histórias ouvidas e vividas que Margarida queria partilhar, filigranando as palavras para que o todo tivesse a harmonia de uma doce e desejada ceia de Natal.

Tantas situações que se poderiam encaixar em histórias curtas e simples que Margarida gostava de já ter escrito. Talvez os filhos gostassem. Ou os sobrinhos. Ou os filhos dos amigos. Ou desconhecidos

que se abeirariam dela, chamados pelas palavras impressas. Gostava de já ter as histórias na mão, em forma de livro ou em folhinhas soltas de macio papel, ilustradas de preferência, como tinha agora a travessa-cavalinho.

Sabia que se fosse uma escritora a sério, tê-las-ia já produzido, desse por onde desse; mas queria tão só contar pequenas histórias que lhe bailavam na memória, agora espelhadas numa travessa-cavalinho que se habituara a ver sobre a mesa natalícia desde a sua infância.

Outras estórias surgiriam reinventadas ou imaginadas, com a larga inocência de pensar que ainda nem tudo foi criado.

Este ano, Margarida iria encontrar novos sentidos na travessa-cavalinho.

Pô-la-ia, vazia e em destaque, no centro da mesa natalícia.

Talvez as crianças, ao vê-la despojada de qualquer conteúdo, perguntassem porquê.

E surgiria a melhor explicação, através de uma história que em breve seria escrita:

— Era uma vez um cavalinho que, numa noite de Natal...

Maria Dolores Garrido